

Bem-vindos à nossa sexta aula do curso de Teologia Sistemática, disciplina de Cristologia. Hoje vamos analisar como a Igreja se posicionou acerca de alguns equívocos propostos para explicar a Cristologia apresentada nas Sagradas Escrituras.

Para isso, examinaremos a **Definição de Calcedônia**, que representa o melhor apontamento acerca da cristologia da Igreja. Esta definição é o resultado dos debates e reflexões que ocorreram no Concílio de Calcedônia em 451 d.C., onde representantes de cristologias distintas foram chamados, houve debates, e no final os equívocos foram rejeitados e a Igreja se posicionou.

É importante ressaltar que não há nada de novo nessa definição. Sempre que surgem novas propostas para a Cristologia, podemos observar que geralmente são ideias já rejeitadas pela Igreja no passado. A Igreja já se posicionou claramente sobre esses assuntos.

Vejamos então a Definição de Calcedônia:

"Fiéis aos Santos Pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade, e perfeito quanto à humanidade; verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo, consubstancial com o Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; em tudo semelhante a nós, excetuando o pecado; gerado segundo a divindade pelo Pai antes de todos os séculos, e nesses últimos dias, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, nascido da Virgem Maria, mãe de Deus; um e só mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis; a distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, antes é preservada a propriedade de cada natureza, concorrendo para formar uma só pessoa e em uma subsistência; não separado nem dividido em duas pessoas, mas um só e o mesmo Filho, o Unigênito, Verbo de Deus, o Senhor Jesus Cristo, conforme os profetas desde o princípio acerca dele testemunharam, e o mesmo Senhor Jesus nos ensinou, e o Credo dos Santos Pais nos transmitiu".

Esta definição refuta os equívocos que haviam sido propostos anteriormente. Alguns pontos importantes a serem destacados:

1. Jesus Cristo é perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade.
2. Ele é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.
3. Possui alma racional e corpo.
4. É consubstancial com o Pai na divindade e consubstancial conosco na humanidade.
5. É semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.
6. Deve ser confessado em duas naturezas: inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis e inseparáveis.
7. A distinção das naturezas não é anulada pela união, mas preservada.
8. Forma uma só pessoa, não dividida em duas.

Esta definição serve como base para julgarmos a ortodoxia de qualquer cristologia proposta. Se um texto ou ensino não estiver de acordo com esta definição, devemos ter cuidado e analisá-lo criticamente.

É crucial que nossos seminários, denominações e pregações apresentem este tipo de cristologia elevada. Não podemos apresentar algo menor do que Cristo realmente é. Nossa pregação deve refletir esta visão elevada de Cristo.

Alguns desdobramentos teológicos importantes desta definição:

1. Cristo é uma só pessoa com duas naturezas.
2. Toda obra realizada por Cristo envolve ambas as naturezas.
3. As naturezas são distintas, mas inseparáveis.
4. Cristo é plenamente humano e plenamente divino, sem diminuição de nenhuma das naturezas.

O teólogo Wayne Grudem resume bem este conceito: "Permanecendo o que era, tornou-se o que não era". Em outras palavras, enquanto Jesus permanecia plenamente divino, ele também se tornou plenamente humano, assumindo a humanidade que antes não lhe pertencia.

As implicações teológicas desta cristologia são profundas:

1. Cristo realizou uma obra perfeita porque foi um homem perfeito e Deus perfeito.
2. Sua divindade confere dignidade para ser cultuado, evitando a idolatria.
3. A união das naturezas divina e humana na pessoa de Cristo confere à sua natureza humana a incapacidade de pecar.

Esta cristologia sólida e bíblica deve fundamentar nossa teologia, nossa adoração e nossa pregação, sempre exaltando a Cristo em sua plenitude divina e humana.